

**VIDA COM
FIGURAS: A
BIOGRAFIA
VISUAL DE
JOÃO CABRAL DE
MELO NETO**

PAULO FERRAZ

FOTOBIOGRAFIA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

EUCANAÃ FERRAZ (ORG.)

RIO DE JANEIRO: VERSO BRASIL, 2021

Entre os anos 1980 e 1990, três fotobiografias marcaram esse gênero ainda hoje pouco difundido em nosso meio editorial: *A imagem de Mário, Bandeira: a vida inteira e Drummond frente e verso*, reunindo em cada uma delas uma espécie de galeria da memória visual da poesia modernista brasileira. Muito embora as fotografias, manuscritos e demais ilustrações tivessem por foco a vida privada, a curiosidade dos leitores se via desviada para os possíveis nexos entre as situações capturadas e as obras dos poetas, como se apenas o contexto pudesse explicá-las de algum modo. Havia algo de documental na iconografia exibida, como convém, mas também algo limítrofe com a celebração, o que é mais apropriado às hagiografias. A propósito, alguns dos seus retratos fazem parte do imaginário nacional, como uma espécie de monumento à poesia e à inteligência nacional, tanto que Mário e Drummond chegaram a emprestar seus traços e sua consistência histórica para cédulas nacionais ao tempo em que os valores derretiam do dia para a noite.

É mais que compreensível que, naquele remate do século XX, faltasse, entretanto, um volume similar dedicado a João Cabral de Melo Neto, cuja figura não chega a ser tão icônica, a despeito de sua poesia em certos momentos ter ultrapassado, em influência, as dos demais. Se a imagem de Bandeira ao violão ou lendo jornal, assim como o sorriso e a sombra de Mário ou o semblante circunspecto e tímido de Drummond sentado no meio de uma sala fazem parte de nosso repertório, seria custoso para a maioria dos leitores indicar qual o mais representativo dos retratos cabralinos. Curiosamente, não teríamos a mesma dificuldade em escolher um verso, porém seu rosto impresso parece que nos escapa. A chegada

de *Fotobiografia de João Cabral de Melo Neto*, com organização de Eucanaã Ferraz, nos permite justamente mirar mais fundo nos olhos de um poeta que, tendo vivido por mais de quatro décadas no exterior, longe das lentes nacionais, soube como poucos construir imagens. Até então, o mais próximo que havia era o exemplar que em 1996 inaugurou os *Cadernos de literatura brasileira*.

Um arquivo, mesmo devidamente catalogado, por si só, é um conjunto de documentos inertes que preserva informações do passado, é verdade, mas dificilmente se presta a esmiuçar um determinado evento ou período. No caso da fotobiografia, como nas paredes de um museu ou, melhor ainda, num documentário cinematográfico, o que temos é um minucioso processo de pesquisa, escolha e montagem levado a cabo por Ferraz que tem por finalidade compor uma narrativa muito particular, pois é disso que se trata, contar o percurso de vida de um dos maiores poetas brasileiros, empregando para tanto testemunhos íntimos, literários e até mesmo burocráticos, afinal toda pessoa, renomada ou desconhecida, toda casa e toda paisagem com as quais se relacionou e ficaram fisicamente preservadas nos permitem resgatar algo de sua experiência passada, vivida entre o Recife e o Rio de Janeiro, passando por outras cidades com as quais interagiu emocional e intelectualmente. Os historiadores literários partiriam desses mesmos documentos para elaborar sua própria interpretação, contudo o que a montagem de Ferraz nos oferece é, a cada um de nós leitores, a oportunidade de recriarmos sua linha do tempo a partir de suas sugestões, elegendo cenas e fatos que mais nos afeiçoam ao biografado.

O primeiro destaque cabe à divulgação de um acervo privado de fotografias que apresentam não apenas João Cabral de Melo Neto, poeta e diplomata, mas também o Joca ou Jó, como era chamado, alguém que poucos tiveram a chance de conhecer e conviver. Esse acervo inclui imagens de engenhos pernambucanos de sua infância e momentos da vida doméstica ao lado da esposa Stella Maria e dos filhos, além da presença de Adela Sanches, funcionária que acompanhou a família por mais de três décadas, do casal Maria da Saudade e Murilo Mendes e também de Lauro Escorel, nem sempre perto fisicamente, por também representar o Brasil em diferentes postos, mas um interlocutor indispensável para se conhecer Cabral para além dos poemas. Paradoxalmente, algo também se extrai das ausências ou do limitado comparecimento, como o de Drummond, que só se entrevê numa foto

de seu casamento, embora se insinue pela correspondência entre ambos, decerto menos como o amigo a quem dedicara seus primeiros livros e mais como o mestre a quem admirava, mas com quem rivalizava em idêntica proporção. Da mesma forma, nota-se a pouca participação de Bandeira, Vinícius de Moraes, Rubem Braga, Joaquim Cardozo, Otto Lara Resende e Clarice Lispector, por exemplo, o que não se explica pela inexistência de documentos de seus encontros e diálogos.

Para além de uma inevitável satisfação de bisbilhoteiros, especialmente essas fotos familiares oferecem ao leitor o acesso a um universo particular que, a despeito do discurso cerebral repetido por Cabral e seus intérpretes, revelam as suas relações mais íntimas e afetuosas, que são parte integrante de sua poética. Aliás, a organização da fotobiografia é muito feliz em amarrar as imagens com poemas e trechos de entrevistas, não no sentido de orientar interpretações, mas sim no de dar a ver um poeta complexo, incansável na defesa intransigente de seu programa estético, mas permanentemente assombrado pela necessidade de aceitação e reconhecimento. O mesmo se pode dizer da mais que acertada inserção de bilhetes, manuscritos, capas, recortes da imprensa e cartazes que despertam nos leitores o trânsito por distintas temporalidades e variadas camadas geográficas. Como é o caso dos exemplares impressos por Cabral em sua primeira temporada em Barcelona para seu selo O Livro Inconsútil, raridade bibliográfica que, associada às suas fotos com o grupo Dau al Set e com Joan Miró, conta visualmente sua rica experiência catalã. Por sinal, sua silhueta fotografada por Stella com as ondas do mar de Sitges seguramente é candidata a entrar para uma futura seleção de seus retratos.

Ainda nesse sentido, a edição se beneficia com uma gama de outras alusões à Espanha, cuja paisagem e cultura disputavam com Pernambuco seu gênio criativo. Todos sabemos de sua paixão pela tourada, porém até então havia escassos registros de seu comparecimento nas arenas e de seu convívio com toureiros, com os quais manteve laços de admiração e amizade que o deixavam ainda mais entranhado no universo concreto da tauromaquia, se é que alguém pudesse supor que seu interesse fosse exclusivamente pelos seus símbolos. Da mesma forma, as cenas servilhanas nos transportam para a fascinante atmosfera andaluza dos músicos e bailarinas de flamenco com os quais nos deparamos ao longo de sua obra. Ainda no tocante aos palcos, as páginas dedicadas à apresentação de *Morte e vida severina* igualmente nos fazem



vivenciar essa surpreendente encenação que tanto comoveu o poeta pernambucano, apagando ligeiramente o gosto amargo que há anos o acompanhava em decorrência da frustração de ver seus versos rejeitados por Maria Clara Machado, que encomendara o auto.

Como narrativa, surpreende um pouco a coincidência de justamente quando os aparelhos fotográficos se vulgarizam, menos instantâneos seus são inseridos, salvo os de caráter oficial e jornalístico, seja recebendo prêmios, seja sendo merecidamente homenageado, por isso saímos sem conhecer melhor sua rotina no Senegal, no Equador, em Honduras e mesmo em Portugal. A ausência de Stella em parte dessas missões, algumas vezes por ter optado em permanecer mais tempo no Rio ao lado dos filhos ou cuidando de assuntos do casal, talvez tenha contribuído com a sensação que nos passa de Cabral não ter estabelecido laços intelectuais com outros países que não a Espanha. Entretanto, alguns registros são bastante inusitados, como na apresentação de suas credenciais como embaixador ao presidente senegalês, e também poeta, Léopold Senghor, vestido com o fardão da Academia Brasileira de Letras, na qual tomou posse em 1969.

Como se o organizador acelerasse o ritmo de sua trama, seus últimos vinte anos ocupam poucas páginas, dando porventura a equivocada impressão de estarmos não diante de um fechamento, mas de um epílogo, no qual ganham espaço as capas não apenas de seus últimos livros, mas também as dos estudos críticos que se somaram à sua poética, o que de certo modo referenda a percepção de sua maior importância para os leitores mais experientes. Sem querer fazer ilações, mas essa sensação de ser seu próprio sobrevivente era algo que o atormentava há muito tempo, sobretudo o temor de se repetir ou, pior, de perder a agudez criativa, o que se via materializado em uma autoironia de que sua obra havia se encerrado aos quarenta e cinco anos. Sua velhice ao lado da segunda esposa, a poeta Marly de Oliveira, que está presente em apenas uma fotografia e uma dedicatória, foi a de um homem recluso, de poucas e concorridas aparições públicas, como sua participação ao lado de Joan Brossa e John Ashbery num evento no MAM/RJ em 1993 e no lançamento de suas obras completas em 1994. Ainda assim, esporadicamente, e sem manifestar muito entusiasmo, se deixava fotografar no seu apartamento com vista para a Baía de Guanabara. O efusivo sorriso ao lado de Ferreira Gullar é quase uma exceção, em contraste com o semblante cansado de outras fotografias dessa altura de sua vida.

É inquestionável que a curadoria de Ferraz atinge seu objetivo principal, pois se trata de uma envolvente travessia visual pela trajetória cabralina, o que permite nos acercar à pessoa por trás do poeta, inclusive identificando os momentos descontraídos nos quais transparecem mais afetos e outros nos quais, posando para a câmera, predomina a seriedade da postura comedida, aliás, Cabral soube sim mesclar ambas as maneiras de se expressar no mundo das letras, deixando desde cedo patente que toda existência passa a ser mineral quando em estado de palavra.

Em grande medida, a edição não exige amparos externos, no entanto conhecer alguns detalhes da sua cronologia contribui muito para apreender com mais clareza certas passagens de sua vida e mesmo aspectos de sua personalidade muitas vezes intransigente e, por isso mesmo, nem sempre amistosa, afinal, como há de ser com todos os escritores fora dos livros, se via atingido por contradições e algumas vezes até por uma estranha insegurança que o levava à fronteira da angústia.

Que o leitor da poesia cabralina não conheça as particularidades de seus afazeres diários e de seu humor não chega a ser nenhuma surpresa, como muito provavelmente também deve ignorar suas escolhas e recusas, em face da extrema discricção pública do poeta, que media cada palavra ao tratar de si e de suas opiniões, fixando sua própria análise de seu papel na poesia brasileira, razão pela qual se torna ainda mais louvável o desafio de se escrever sobre ele, não apenas por ser arredo, quando o assunto era falar de si, mas por se mostrar avesso a qualquer traço de subjetivismo. A fotobiografia, em si, já se configura como uma empreitada tão extraordinária quanto devida, contudo àqueles que almejem ir além dos documentos e ampliar a leitura de cada imagem escolhida, recomenda-se outra empreitada que vem a público celebrar seu centenário, o livro *João Cabral de Melo Neto: uma biografia*, fruto da pesquisa de Ivan Marques.

Aquilo que nos escapa ao olhar podemos encontrar no texto de Marques, sobretudo situações e momentos relevantes que ficam um tanto vagas ou muito abertas, como seus anos de formação no Recife na companhia de Willy Lewin, Vicente do Rego Monteiro, Lêdo Ivo, Breno Accioly, entre outros companheiros que se reuniam no Café Lafayette, ou aspectos menos evidentes de sua carreira profissional, tão exitosa quanto fastidiosa, em permanente conflito com seus interesses literários, o que não pode ser deduzido apenas pela reprodução de suas identidades funcionais, como seu afastamento do Itamaraty motivado por uma carta

supostamente conspiratória que o vinculava ao comunismo em plena Guerra Fria, que o obrigou a regressar ao Brasil, período no qual, por necessidades também financeiras, já que foi desligado sem vencimentos, pôde se dedicar ao jornalismo, à tradução e dar passos decisivos em sua linguagem estética, que já se entrevia em *O cão sem plumas* e é consubstanciada em *O rio*.

A avaliação mais detida sobre episódios como esses, além de pormenores de suas relações, desmistifica a personagem construída ao seu redor, “o homem sem alma”, como se disse em outra ocasião, na medida em que passamos a conhecer as nuances de seu comportamento e de sua personalidade. Dentre as muitas manifestações que faz a respeito da criação literária, Cabral compara o leitor ao torcedor de touradas, que espera o máximo do toureiro até a sua morte, diferente do torcedor de futebol, que compreende e aceita que há um momento de paulatino recolhimento do jogador. Ele próprio talvez não tenha se convencido disso e foi até o final exigente consigo e essa exigência talvez explique seus últimos anos marcados pela depressão e pela tristeza, justo quando recebia as maiores homenagens que um escritor poderia receber.

A escrita fluida e abrangente de Marques está ancorada em um minucioso exame de uma soma variada de fontes documentais e testemunhais, mas essas fontes não acompanham seu texto, salvo algumas poucas ilustrações. Por sua vez, a preciosa seleção iconográfica e a organização primorosa de Ferraz, amparadas por uma editoração que valoriza espacialmente cada documento, como sua caligrafia abrindo e fechando o livro, o selo de sua gráfica-editora nos versos da capa e contracapa, além de páginas inteiras para um desenho de Miró ou um artigo de jornal, apresentam ao leitor um João Cabral por inteiro, ainda que toda essa riqueza visual exija bastante das legendas e dos breves sumários temporais. Podemos, assim, dizer que as duas obras são complementares, o que uma apresenta a outra descreve e interpreta, formando uma proveitosa parceria. Agora duplamente biografado, além de seu lugar há muito garantido no cânone modernista, Cabral conquista também seu posto em nosso museu imaginário.

PAULO FERRAZ, doutorando no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo, é poeta, tradutor e professor de escrita criativa. Autor de quatro livros de poemas, com edições no Brasil, México e Equador, tendo sido sua última obra, *Vícios de imanência*, semifinalista do prêmio Oceanos de 2019. Participou de festivais e encontros literários na Colômbia, Cuba, Equador, EUA, Espanha, México, Ucrânia e Uruguai. E-mail: paulo.rogerio.ferraz@usp.br.